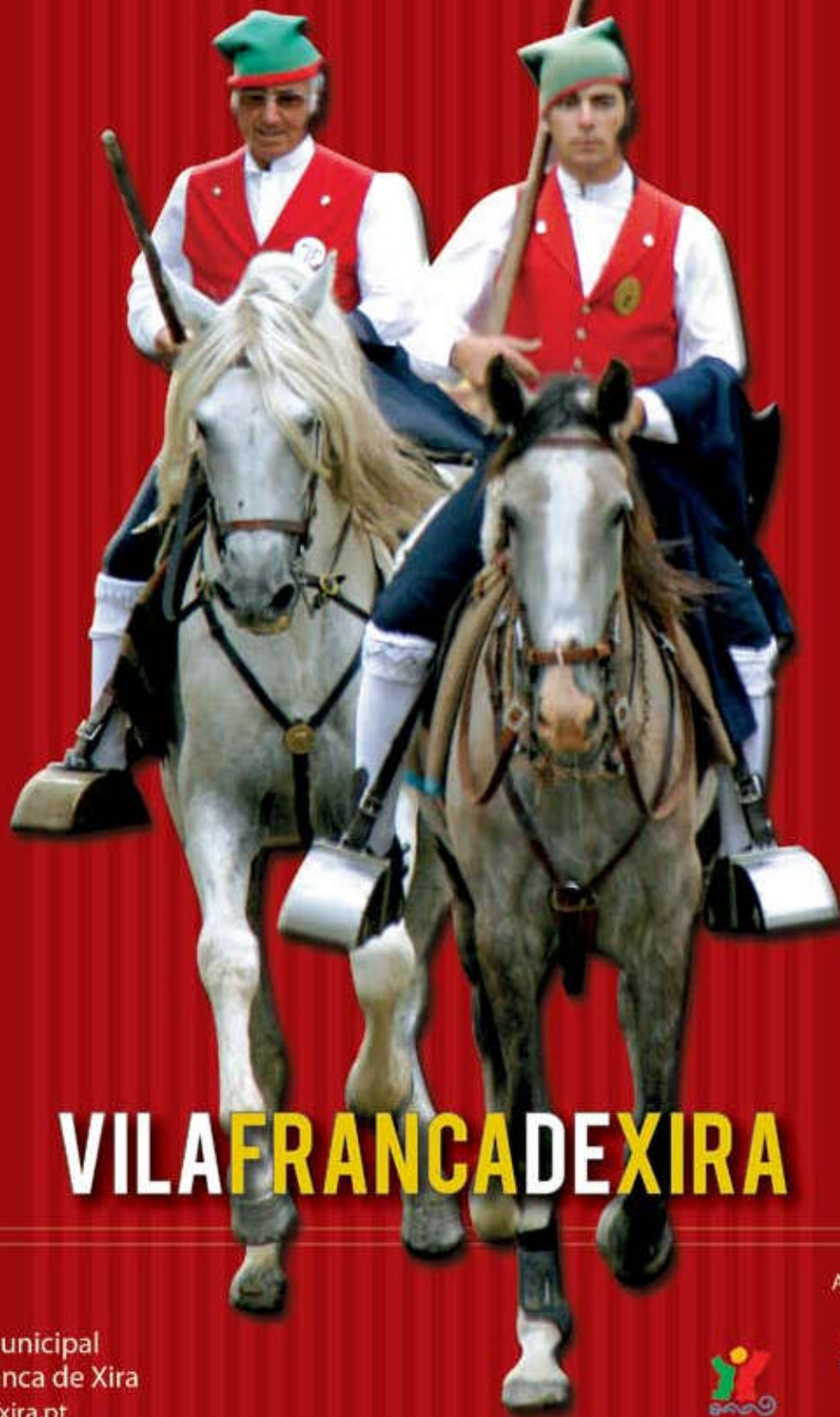


COLETE ENCARNADO

4.5.6 JULHO '14



VILA FRANCA DEXIRA

Organização:



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt

Apoio:



Tertúlia

O 1.º TÉRCIO

Fruto de uma carreira dedicada à crítica taurina, a tertúlia 1.º Tércio encerra nela, pelas memórias e mãos de João Mascarenhas, provas vivas da história da arte e cultura tauromáquica.



Retrato de uma vida

O primeiro passo para a grande caminhada (primeiro momento da lide) foi o mote e a própria designação de projetos profissionais, uma tertúlia em Vila Franca de Xira, e toda a vida do jornalista, crítico taurino e apoderado de toureiros, João Mascarenhas. Para o fundador desta tertúlia descrever este espaço é relatar a sua vida. Desde logo, o nome com que a batizou: 1.º Tércio, o mesmo do jornal que fundou e do seu próprio programa de rádio, uma vez que considera necessária a aprendizagem para evoluir e preconizar uma grande jornada, em qualquer matéria da vida. Com sede no escritório da sua casa, João Mascarenhas conta-nos como fundou a sua tertúlia em 1979, fruto do enquadramento da sua vida profissional, intrínseca à pessoal. Da sua vida fizeram parte o jornal "O Dia", as Rádios Renascença, Comercial, Iris e Ribatejana, assim como o Clube Taurino Vilafranquense, a gestão da centenária Praça Palha Blanco (nomeado por empresas para

temporadas) e seis anos à frente da Praça do Campo Pequeno, até que uma cirurgia ao coração o afastou do exigente tauródromo. Nome reconhecido na imprensa taurina, no País e além-fronteiras, este jornalista tem na cultura e espetáculo tauromáquicos a sua história de vida.

Do mundo para o Bairro do Paraíso, João Mascarenhas traz na memória e na bagagem recordações que vem acumulando com grande estima. Explica-nos que, para mostrar o espólio que mantém no seu escritório, seriam necessárias duas semanas para falar de objetos, pinturas e recortes de jornais. Agora que, há cerca de um ano, passou a sua tertúlia para a cave, no mesmo prédio onde reside, tem mais espaço e condições para a patuscada e convívio. Para decorar o espaço não houve falta de peças com história, doou inclusive, a amigos, diversas fotografias e cartazes da sua coleção de cartéis, contribuindo, assim, para o espólio de outras tertúlias da cidade que adotou como sua.

De conversa sábia, contida mas muito apaixonada pelo universo taurino, João Mascarenhas recorre aos artigos de títulos de imprensa internacional guardados, onde outros jornalistas mencionam elogiosamente os seus comentários enquanto crítico taurino. Prefere mostrar para não nos parecer um auto-elogio, ou não recorresse frequentemente nas suas palavras ao termo humildade que, para si, deve ser uma característica a ter em conta nas várias vertentes da nossa vivência. Aprender e evoluir foi sempre o seu lema. É fácil perceber, nas colunas jornalísticas, que lhe é reconhecida autoridade na matéria pela vasta experiência em corridas de toiros um pouco por todo o mundo.

Enquanto percorremos as estantes, reveladoras de uma vida cheia, viajada, chamam a atenção fotografias onde se destaca o aspeto majestoso de movimentos na arena e rostos inundados de emoções. A descrição dos momentos presenciados, quer sob a forma de crítica quer através de uma fotografia são o forte desta tertúlia. Cartazes, troféus e medalhas decorrentes dos seus trabalhos como, a título de exemplo, o Prémio da Temporada Taurina de 2008, menções à organização de festivais e homenagens como a de Mestre Baptista. Pinturas e gravuras pontuam as paredes, lenços tertulianos, dedicatórias, ilustrações, ofertas



e bilhetes guardados de espetáculos taurinos internacionais recheiam gavetas e armários. João Mascarenhas contabiliza cerca de 12 000 fotografias e 600 horas de filme, documentários escritos por si e milhares de horas gravadas dos seus programas radiofónicos, onde é descrito o brilho e o esplendor de brilhantes carreiras da arte tauromáquica.

Um verdadeiro compêndio no que à Arte e Cultura Tauromáquica diz respeito, a cada imagem surge uma recordação e, logo atrás, uma história, mas uma daquelas vividas ou presenciadas e por si comentadas em páginas de jornais, programas de rádio e até na televisão espanhola onde, durante três anos, chefiou uma equipa. Provavelmente, muitos dos episódios foram produto do seu livre-trânsito nas praças, o que lhe permitiu avaliar e descrever momentos mais e menos conseguidos.

Repletas de memórias, as paredes mostram grandes figuras e momentos do toureiro a nível mundial. É passar em revista as carreiras dos matadores de toiros mexicanos Rafael Carmona e José Jesús Sánchez, do espanhol José Maria Manzanares, entre muitos que "pagam a vida em cada espetáculo, não enfrentam só a fera mas os seus próprios medos", explica-nos João Mascarenhas como se o visualizasse, fruto da sua experiência. Mas, engana-se quem pensa que tudo neste espólio se resume aos que exercem a Arte. Muitos conhecimentos e amizades noutras áreas se travaram, tendo de alguma forma como elo a tauromaquia. Eusébio, Padre Melícias e até Nat King Cole, que conheceu na Venezuela,



surgem em fotografias com o crítico taurino.

Ainda que situada fora do centro da Cidade, esta tertúlia recebeu já, além de curiosos e forasteiros, grandes nomes da tauromaquia mundial. Acolheu na sua casa, por dois anos, uma figura lendária, "El Pana", que se retirou já septuagenário e de quem possui um arquivo memorável de fotografias, onde ficaram gravados movimentos sublimes mas, também, costuras e mazelas de fortes colhidas.

Elevar a cidade e a sua riqueza

Octogenário e nascido em Constância, João Mascarenhas sentiu-se, desde sempre, Vila-Franquense. Apaixonado pela identidade do Concelho vê o Rio Tejo e as suas margens como a maior riqueza, outrora usufruída e agora, explica, com o seu potencial longe de maximizado como gostaria de voltar a ver. Defende, embevecido, que este curso de água é o maior produto turístico Vila-Franquense, local privilegiado para práticas comerciais, de cultura e recreio, que pode contribuir para a valorização económica e, consequentemente, para o processo de desenvolvimento turístico concelhio.

Este veterano da escrita taurina defende que é da sua autoria o *slogan* "Vila Franca de Xira não é melhor nem pior, é diferente", tantas vezes pronunciado para falar da Cidade. Fica até pesaroso quando outros tentam puxar a si esta autoria e também daquela



que considera a origem da Noite da Sardinha Assada, no sábado de Colete Encarnado. Conta que, numa ação de *marketing*, quando era apoderado de Mário Coelho, proporcionou aos lavradores, campinos, aficionados e tantos outros convidados, um evento, cuja base foi uma grande sardinhada que resultou num convívio, como que uma ação de charme para cativar as atenções para o seu protegido. Tratava-se da véspera da apresentação na Praça Palha Blanco de Mário Coelho. Conta que, a partir daí, um comerciante, mais especificamente de um restaurante, achou por bem perguntar-lhe se se importava que fizesse para o seu estabelecimento uma ação semelhante, para atrair mais comensais, ao que João Mascarenhas respondeu prontamente: “claro que não. Certo é que, no ano seguinte também a Câmara Municipal integrou no programa das festas de Colete Encarnado, a Noite da Sardinha Assada ao sábado, colocando fogareiros nas ruas”. Ainda hoje, sempre que viaja, fala da sua terra, do entusiasmo popular nas esperas de toiros e na arte de cavaleiros e matadores de toiros, seus conterrâneos. Tem levado o nome de Vila Franca de Xira pelo mundo, no seu sentido mais lato. Falou desta Cidade à beira Tejo no sul de França, em Espanha, nos Estados Unidos da América, Venezuela e, entre muitos outros países, no México, onde ainda não falha anualmente. Quando recebe os convidados, que chegaram a vir de outros países para o encontrar, realiza os tão elogiados circuitos de lazer que descreve quando viajava. Faz questão de perguntar, de forma retórica: “alguém tem esta Lezíria? Já foi o maior centro de tonelagem de tomate, era o girassol, os cereais, o melão...”, mostrando-se um acérrimo defensor da terra e como esta está totalmente vocacionada para o campo e para a criação do toiro. “Não sei viver sem estar apaixonado”, confessa, justificando esta entrega com que vive e fala sobre Vila Franca. Aprecia, igualmente, dar a conhecer a gastronomia típica e gostaria de a ver com mais expressão, diz que “está ligada à emoção”, tal como a Arte. Na sua tertúlia não hesita em cozinhar e receber bem, afinal são características de um genuíno tertuliano. Sobre o jantar das tertúlias na véspera de Colete Encarnado costuma participar, mas uma vez que o mesmo decorre à quinta-feira, as suas ausências, por vezes, devem-se à presença assídua

no Campo Pequeno. Mas gosta, sobretudo, de reunir aqueles cujo conteúdo humano lhe diz algo e tenciona viver assim mais uma edição do seu espetáculo de predileção.

Amor e respeito pela Arte Tauromáquica

Questionado se existe no universo tauromáquico uma figura que julgue contribuir mais, na sua perspetiva, para a beleza e arte tauromáquica, João Mascarenhas elege sobretudo as pessoas, defende que a matriz da pessoa pode fazer o artista e o mesmo pode perder se, enquanto ser humano, for dotado de menos valores morais. Remete-nos, com a sua explicação, para o conhecido adágio popular “a presunção é a mãe de todas as asneiras”. Talvez por essa razão embora a sua tertúlia seja uma das primeiras a ser fundada, tenha sido pouco promovida pelo próprio, pois quase nunca divulgava as figuras seletas e célebres que por ali passaram.

Quando abordado sobre a eventual integração do “1.º Tércio” na Confederação das Tertúlias do Concelho, João Mascarenhas diz que prefere “esperar para ver, já tive ocasião de falar com alguns dos promotores e disse-lhes que é necessária uma base sólida” explica, que transmita segurança no sentido de determinação nos objetivos e “na envolvência de indivíduos que consigam contribuir” com as suas mais-valias “nas diversas vertentes que se impõem” a uma associação desta índole. Nas suas palavras despreza, por exemplo, a atribuição de nomes despidos de sentido às tertúlias criadas no Concelho. Quer com isto dizer que não encerram um significado ou léxico da cultura tauromáquica e, por conseguinte, considera excessos injustificados, sem lugar naquilo que é Património Cultural Imaterial de Interesse Municipal. Até aqui, na nomenclatura destes espaços tão particulares como são as tertúlias, há importância naquilo que é preciso passar por quem sabe: ensinar a arte e cultura taurina para que prosperem a *afición*, “o respeito pela modalidade e mais entusiasmo no público, porque não se pode amar o que se ignora”.

Texto: Ana Sofia Coelho
Fotografia: Ricardo Caetano